

O LÉXICO MENTAL COMO ESTRATÉGIA DE RETENÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE VOCABULÁRIO

EL LEXICÓN COMO ESTRATEGIA DE RETENCIÓN Y CONSOLIDACIÓN DE VOCABULARIO

Thiago Augusto dos Santos de Jesus^{1*}

Resumo: Neste artigo apresentaremos os resultados de uma breve pesquisa bibliográfica sobre a relevância da exploração do léxico mental no processo de aprendizagem da língua espanhola como estratégia de retenção e consolidação de vocabulário. A pesquisa está pautada nos estudos psicolinguísticos de Luque Durán (2004), Aitchison (1987), Ana Maria Bernardo (2010) e Marta Baralo (2001), os quais consideram um elemento linguístico responsável pela aquisição dos conhecimentos declarativos e processuais, assim como o desenvolvimento da competência semântica dos aprendizes.

Palavras-chave: Aprendizagem. Léxico Mental. Vocabulário.

Resumen: En este artículo, presentaremos los resultados de una breve investigación bibliográfica sobre la relevancia de la exploración del lexicon en el proceso de aprendizaje de la lengua española como estrategia de retención y consolidación de vocabulario. Dicha investigación está basada en los estudios psicolingüísticos de Luque Durán (2004), Aitchison (1987), Ana Maria Bernardo (2010) e Marta Baralo (2001), quienes consideran un elemento lingüístico responsable por la adquisición de los conocimientos declarativos y procesuales, así como el desarrollo de la competencia semántica de los aprendices.

Palabras clave: Aprendizaje. Lexicón. Vocabulario.

INTRODUÇÃO

No campo da didática do ensino de línguas estrangeiras, os métodos de aprendizagem enfatizam a relevância no desenvolvimento das habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever) desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. No entanto, para que os alunos possam desenvolver essas habilidades, acima de tudo, é necessário que eles conheçam e reconheçam o significado das palavras empregadas nos contextos comunicativos, além de saber o momento e o contexto adequado para utilizá-las de acordo com a situação comunicativa.

* *Mestre em Linguística Espanhola pela Universidade Autônoma de Assunção. Professor de língua espanhola da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Maranhão desde 2010. thiaguinho1985@hotmail.com

Para isso, os professores de língua estrangeira devem mudar certos procedimentos didáticos como o ensino da segunda língua através da língua materna e o destaque da análise gramatical em sala de aula. Essas ações didáticas, na maioria dos casos, não incorporam um ambiente de aprendizagem necessário para a ativação e para a exploração do léxico mental dos estudantes nem proporciona a aprendizagem significativa da segunda língua.

O termo léxico mental é considerado recente, porque surgiu no século XX com os estudos linguísticos de Ann Triesman em 1961. Esse termo era definido como estruturas linguísticas armazenadas na mente humana que permitem o acesso às formas da língua e aos seus significados. Em seguida, o termo começou a ser utilizado pelos gerativistas para descrever a capacidade dos usuários da língua na criação das palavras lexicais e no armazenamento dessas palavras nas estruturas mais profundas da memória.

Com o desenvolvimento da Psicolinguística e das ciências cognitivas, o léxico mental passou a ser um elemento responsável pela combinação de conhecimentos linguísticos e não linguísticos, demonstrando seu caráter dinâmico, já que esse tipo de léxico pode variar entre os indivíduos e pode ser ampliado ao longo da formação sociocultural desses indivíduos.

Dessa maneira, a abordagem do léxico mental na sala de aula de língua estrangeira torna-se um desafio para os professores porque é necessário considerar as particularidades dos alunos e os conhecimentos adquiridos fora do contexto escolar para a aprendizagem de novos conhecimentos.

Além disso, os livros didáticos de língua estrangeira, em especial, de língua espanhola não ativam nem exploram o léxico mental dos estudantes através das atividades de relações semânticas e de organização dos conhecimentos linguísticos e não linguísticos. Em muitos casos, a variação linguística é pouco abordada, principalmente no que se refere à língua espanhola, porque é língua oficial falada em muitos países da América Latina, além da Espanha.

Por essa razão, propomos a abordagem do léxico mental na sala de aula de língua estrangeira, porque o vocabulário é um componente linguístico que está integrado nas quatro habilidades linguísticas, já que sem este componente é impossível realizar a codificação e a decodificação dessas habilidades, portanto, não produzem nem recebem a informação emitida pelos participantes da situação comunicativa.

Na próxima seção, abordaremos as características, a estrutura e a organização do léxico mental, assim como as contribuições desse componente linguístico no processo de aprendizagem da língua espanhola, tendo como referencial teórico os estudos de Luque Durán (2004), Ana Maria Bernardo (2010), Aitchison (1987), Marta Baralo (2001) e outros estudiosos que desenvolveram tarefas de ativação e de exploração do léxico mental.

1. O LÉXICO MENTAL NA LINGÜÍSTICA TEÓRICA

Segundo Coltheart (2001), o léxico mental apareceu pela primeira nos estudos linguísticos desenvolvidos por Ann Triesman, quem considerava uma fonte de informações linguísticas subjacentes na mente humana que permitia o acesso às estruturas da língua e aos seus significados.

No entanto, a definição e a função linguística do léxico mental não eram consensos entre os linguistas, já que alguns consideravam como componente essencial na formação das palavras e no processo de significação, como definem Hatch e Brown (1995, p. 1):

El término semántica se refiere al estudio de los significados y de la sistematización de esos significados expresados en el lenguaje. El término lexicón se refiere a todo sistema de palabras y formas, abarcando la morfología, es decir, el estudio de la palabra en la formación del lenguaje. El término también es usado para referirse a la manera como las palabras están representadas en el cerebro, esto es, el lexicón mental.

Desse modo, podemos dizer que o léxico mental é responsável pelos processos morfológicos e semânticos, no que se refere à combinação de formas linguísticas para a formação de palavras. Com a mesma concepção de Hatch e Brown, os linguistas do Gerativismo concebiam ao léxico mental a competência linguística dos falantes, no que diz respeito à capacidade dos indivíduos na combinação de formas linguísticas na formação de orações aceitáveis na gramática da língua, como define Chomsky (1999, p.26): “El lexicón es un conjunto de piezas léxicas, cada una de las cuales es un sistema articulado de rasgos. Debe especificar para cada elemento únicamente las propiedades fonéticas, semánticas y sintácticas que le son idiosincrásicas, nada más”.

No que se refere à função do léxico mental, não está somente relacionado com o processo de formação de palavras e com a capacidade dos falantes de aprender palavras

novas e de utilizá-las nos contextos comunicativos, pois se trata de um processo complexo, como declara Marta Baralo (2001, pp. 9-10):

Aparentemente, el lexicón mental no es más que un almacén de palabras disponibles para que el hablante las use según sus necesidades. Este concepto estático del montón de palabras almacenadas nada tiene que ver con la complejidad del proceso de aprender palabras, memorizarlas, guardarlas ordenadas y establecer lazos entre ellas de forma múltiple y sistemática. Tampoco tiene nada que ver con la capacidad de todos los hablantes de crear palabras nuevas, que nunca han escuchado y con la capacidad de interpretar el significado composicional de palabras morfológicamente complejas, que nunca han oído antes.

Através da declaração de Marta Baralo, podemos deduzir que o léxico mental é um recurso de aquisição de palavras e de armazenamento, pelo qual os falantes podem guardá-las nos esquemas mentais, ressaltando o papel da memória nessa função. Além disso, a autora acrescenta que esse elemento é o responsável pela categorização das palavras por meio de seus conceitos conscientizando os usuários da língua no momento de aplicá-las nas habilidades linguísticas receptivas e de produção.

No âmbito da Psicolinguística, o léxico mental é um mecanismo de organização dos conhecimentos linguísticos e não linguísticos e do processo de conceitualização na mente. Para isso, é necessário relacionar vários processos mentais na aprendizagem, como explica Osten *apud* Borner e Voger (2009, p.29):

Por lexicón mental se entiende la estructura que permite el almacenamiento organizado de la información en la memoria a largo plazo. Para entender su funcionamiento, se recurre frecuentemente a la analogía de una red muy compleja formada por nodos (los conceptos) interrelacionados por medio de conexiones múltiples. Cada concepto o categoría está asociado a información fonológica y grafemática, morfológica, sintáctica así como semántica.

Com a explicação dada pelos autores, podemos afirmar que cada conexão estabelecida aciona todos os órgãos da mente humana para o processo de reconhecimento das informações linguísticas, e posteriormente, ocorre o armazenamento, a consolidação e a recuperação de todas essas informações no sistema cognitivo.

Quanto à aprendizagem das línguas, o léxico mental conceitua os objetos e os seres do mundo extralinguístico e as experiências próprias dos indivíduos. As informações linguísticas adquiridas através dos conceitos se originam das associações das relações ocorridas no sistema cognitivo, como destaca Bernardo (2010, p.29):

O léxico mental designa aquela parte da memória semântica (onde se armazenam os conceitos) que processa, de forma interativa e paralela, a informação fornecida por cada palavra (ao nível gráfico, fonológico,

morfológico, sintático e semântico), durante a recepção e a produção linguística, articulando conceito e significado da palavra aos diferentes níveis, consoante a natureza cognitiva da tarefa que está a realizar num determinado momento.

Desse modo, podemos afirmar que o léxico mental funciona como uma ponte que liga as estruturas conceituais (conhecimento do mundo) às estruturas linguísticas (conhecimento linguístico), sendo um mecanismo indispensável para dar conta das relações semânticas e das combinações léxicas, assim como outras operações que os falantes produzem na L2.

Nesse sentido, as representações subjacentes no léxico mental não se resumem somente ao conhecimento declarativo (conhecimento de mundo). Além disso, abrangem o conhecimento processual, o qual corresponde a todos os processos cognitivos que organizam e classificam as percepções, realizam as categorizações, hierarquizações e abstrações. Dessa forma, os estudantes são capazes de desenvolver estratégias para processar mais rápido as conexões entre as informações prévias e as novas informações.

2. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO LÉXICO MENTAL

De acordo com Radford, Atkinson, Britain, Clahsen e Spencer (2000, p.326): “La mayoría de psicolingüistas creen que el lexicon mental está formado por entradas léxicas que tienen varios niveles separados, aunque interconectados”. Considerando ese modelo teórico, o psicolinguista Pim Levelt acreditava que três elementos estavam relacionados, como o conceito, o lema e as formas morfo-fonológicas, conectados através dos ponteiros léxicos.

Conforme esse modelo de estrutura do léxico mental, Radford et al (2000) afirmam a necessidade de estabelecer a distinção entre o que são conceitos e o que são entradas léxicas. Estas últimas se constituem em dois níveis: o semântico e o morfo-fonológico. Logo, uma entrada léxica se divide em duas partes: uma que informa sobre o lema e a outra sobre a forma.

Assim, podemos considerar que o léxico mental se divide em duas categorias: o léxico de lemas e o léxico de formas. Ambos se conectam através dos ponteiros léxicos, pois cada lema se dirige a sua forma correspondente no léxico de formas, onde armazenam suas propriedades morfo-fonológicas. Diferentemente dos lemas, os conceitos estão representados em um nível pré-linguístico.

Por outro lado, Luque Durán (2004) destaca que o léxico mental possui uma multiestruturação, ou seja, suas unidades (os lexemas) estão estruturadas ou ligadas de diversas maneiras, devido às relações existentes entre os signos e as coisas e entre os próprios signos. Por conseguinte, o léxico mental se estrutura externamente como reflexo ontológico, e internamente, através das relações estabelecidas pelos signos linguísticos.

Apesar de que os falantes compartilhem basicamente o mesmo léxico mental, este não se apresenta em nível estrutural de maneira igual em todos os indivíduos, porque se amplia e se reestrutura durante a vida dos falantes, de maneira similar à aquisição do conhecimento de mundo.

Para realizar os processos de categorização dos objetos do mundo extralinguístico, uma propriedade fundamental do léxico mental e do sistema cognitivo humano é a piramidização léxica. O elemento principal que possui essa propriedade para definir o sistema de classificação interno é a linguagem.

No caso da língua espanhola, há um conjunto de palavras que podem pertencer a diferentes categorias, podendo ser monolexêmicos ou polilexêmicos. Luque Durán (2004) exemplifica algumas categorias como instrumentos musicais (*clarinete, violón, guitarra, piano*) e frutas (*banana, naranja, uva, frutilla*).

Entretanto, a maioria das palavras do espanhol não possui classificadores bem definidos, ou seja, possui características semânticas que podem incluí-las em várias categorias. Sobre a dificuldade de categorizar certas palavras, Luque Durán (2004, p.233) adverte:

En español como en cualquier lengua existen clasificadores que no están bien definidos: es el caso de palabras como dulces, golosinas, chuches, chucherías, bagatelas, bibelots, etc. Resulta difícil determinar si un helado es una golosina, un postre o un dulce. Quizás helado no está incluido en ninguna otra categoría sino que forma una categoría propia. Incluir a los helados en los alimentos sería una inclusión posible pero poco satisfactoria porque el helado no es un alimento prototípico.

Isso demonstra a arbitrariedade e a relatividade das agrupações categoriais como consequência das relações internas e externas entre os signos linguísticos e a realidade. Tratando-se, especificamente da aprendizagem de língua espanhola, muitos aprendizes se confundem com certas palavras que têm a mesma grafia do português, porque estes possuem significados diferentes, portanto, são incluídos em outra categoria, como é o caso dos “falsos amigos”. Podemos mencionar como exemplo a palavra “rato”, a qual

os estudantes brasileiros reconhecem primeiramente como item lexical pertencente à categoria de “animais roedores” por causa de sua língua materna, pois, na língua espanhola não cabe inseri-lo em tal categoria, já que representa uma circunstância temporal sem representação no mundo extralinguístico.

Dessa forma, a organização piramidal ativa o sistema cognitivo dos estudantes para reconhecer cada palavra como item lexical e depois inseri-la em sua categoria específica. Na aula de espanhol, os estudantes brasileiros reconhecem a palavra ‘rato’ como item lexical da categoria dos animais roedores, por causa da semelhança dos aspectos morfo-fonológicos do vocábulo em português. Por outro lado, a palavra ‘rato’ designa em espanhol uma circunstância temporal sem representação no mundo extralinguístico.

Sem dúvida alguma, os estudantes através da organização piramidal dos léxicos percebem que o processo de categorização das palavras não é algo fácil, porque lhes exigem conhecimentos linguísticos e não linguísticos, especialmente, a cultura, pois nem todas as palavras da L1 possuem correspondentes na L2, já que cada comunidade linguística tem uma forma peculiar de categorizar suas palavras, além do caráter aleatório e arbitrário dos signos linguísticos.

3. AS RELAÇÕES INTERNAS E EXTERNAS DO LÉXICO MENTAL

Primeiramente, o que sabemos sobre as redes de relações semânticas, é que constituem verdadeiras vias de tráfego, possuindo vários pontos de conexão, onde se encontram os elementos léxicos que se intercomunicam entre si, formando uma complexa rede. Sobre a teoria das redes semânticas, Luque Durán (2004, p.235) explica:

Las teorías en torno a las redes de relaciones semánticas entienden la organización del lexicón mental como una especie de tela de araña en la que los elementos léxicos se encuentran en los nudos y se intercomunican entre sí a través de diferentes vías, estableciendo redes de relaciones extremadamente complejas.

Dessa forma, podemos dizer que as redes de relações semânticas complexas nos ajudam a compreender por que certas palavras não se combinam ou não estão agrupadas na mesma categoria. A explicação para este evento é a diversidade de formas como se configura uma rede semântica, apresentando possibilidades através do conhecimento

linguístico, do conhecimento de mundo, dos hábitos cognitivos, do campo semântico, da igualdade funcional, do contexto ou do cotexto.

Para Kessing (1979, *apud* Luque Durán), o linguista se apoia nos conhecimentos linguísticos e nos conhecimentos de mundo para explicar os fenômenos centrais da linguagem e dos exteriores a ela. A opção por um dos artigos definidos em espanhol (*el /la*) antes do vocábulo ‘tema’ é algo plenamente linguístico, enquanto dirigir uma motocicleta é um exemplo de conhecimento de mundo do indivíduo.

Outra possibilidade é a conexão de palavras através de hábitos cognitivos. Nesse caso, os aprendizes associam os elementos léxicos relacionados e adequados ao discurso emitido. Por exemplo, se o discurso tem como tema uma festa de aniversário, imediatamente vem à nossa mente (*la vela, los globos, el pastel, los dulces, el refresco*, etc). Isso está relacionado com as conexões ontológicas objetivas que os estudantes percebem ao seu redor.

Também, utiliza-se frequentemente o campo semântico como forma de associar palavras que compartilham a mesma classe gramatical e algum significado comum. Se pedirmos aos alunos que associem todos os elementos léxicos relacionados com a praia, virão à mente os seguintes vocábulos em espanhol (*arena, sol, gafas, mar, ola, bañador*, etc).

Da mesma forma do campo semântico, os falantes geralmente costumam associar palavras que exercem as mesmas funções no discurso (igualdade funcional), por isso, combinam-se nomes com nomes, adjetivos com adjetivos, verbos com verbos, etc.

É possível fazer associações entre palavras a nível mental recorrendo ao contexto ou ao cotexto. De acordo com Luque Durán (2004, p.236), “la asociación semántica de un elemento léxico con otro puede estar determinada por la aparición en el contexto de otros elementos”

Com relação ao conhecimento de mundo, este pode ser genérico ou particular. Quando os falantes possuem informações concretas do entorno onde vivem, diz-se que eles têm domínio do conhecimento de mundo particular. Por outro lado, o conhecimento genérico permite aos indivíduos ter uma ontogenia de cada entidade como uma perspectiva funcional da mesma, ou melhor, conhecer os processos prévios do estado atual de uma entidade. Por exemplo, ao falar sobre a ontogenia de um bolo os indivíduos sabem que é a farinha de trigo mais leite, açúcar, margarina, ovos, fermento e tempo de assadura em um forno.

Quando falamos de conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico, é necessário estabelecer limites e diferenças entre esses conhecimentos, visto que há dois tipos de conhecimento: o que os indivíduos adquirem em interação com o entorno (ontológico-prático) e o que é adquirido através da ciência (científico-enciclopédico).

Desse modo, Luque Durán (2004) menciona como exemplo a distinção entre camelo e dromedário para estabelecer a diferença entre os conhecimentos ontológico-prático e científico-enciclopédico. A definição de camelo desenvolvido por nosso conhecimento linguístico seria um animal de uma ou duas corcundas enquanto que o conhecimento enciclopédico considera o dromedário como um animal de uma corcunda. Pelos exemplos mencionados, observamos que muitas sociedades criaram regras taxonômicas específicas de categorização de acordo com a experiência e a cultura de seus falantes, pois, em alguns países, o tomate é considerado como um fruto, enquanto que em outros, o tomate está dentro da categoria das verduras.

4. RELAÇÕES ONTOLÓGICO-SEMÂNTICAS E LINGUÍSTICAS DO LÉXICO MENTAL

Segundo Luque Durán (2004), as relações ontológico-semânticas se dividem em três grupos conforme a natureza que se manifestam as relações da expressão linguística. Nesse sentido, essas relações podem ser: não sistemáticas, sistemáticas que não têm expressão linguística e sistemáticas que têm expressão linguística.

No que se referem às relações não sistemáticas, são aquelas que se estabelecem primeiramente na mente dos falantes e podem vincular-se a distintas realidades. As mais comuns percebidas pelos aprendizes de língua espanhola são: *agua-sed*, *comida-hambre*, *frío-invierno*, *maceta-flores*, *verano-calor*, *nieve-esquí*, *profesor-enseñanza*, etc.

Com respeito às relações sistemáticas sem expressão linguística, são aquelas que os falantes realizam através da analogia proporcional. Desse modo, eles conseguem explicar certas lexicalizações isonimicas existentes em algumas línguas. Podemos citar como exemplos os seguintes casos na língua espanhola: ‘*jeringa*’ se relaciona com ‘*enfermero*’ como a ‘x’ é a professor (x seria *rotulador* ou *tiza*) e ‘*bragas*’ é a ‘*mujer*’ como ‘z’ é a ‘*hombre*’ (z seria *calzoncillos*).

No que concerne à quantidade de relações linguísticas proporcionais, podemos afirmar que cada língua apresenta um número incontável de lexemas. Especificamente, a língua espanhola apresenta as seguintes relações: a) relação de propósito ou finalidade ‘caña-pescado’ como ‘fármaco-enfermedad’; b) relação causa-efeito ‘alcohol-resaca’ como ‘carrera-fatiga’; c) relação de lugar ‘Asunción-Paraguay’ como ‘Tejo-Lisboa’; d) relação de sequência ‘lunes-martes’ como ‘julio-agosto’; e) relação de parte-todo ‘pedal-bicicleta’ como ‘volante-automóvil’; f) relação de animal/ruído característico ‘burro-rebuznar’ como ‘gato-maullar’; g) relação de animal-comida típica ‘canario-alpiste’ como ‘vaca-hierba’; h) relação animal-hábito destacável ‘loro-repetir’ como ‘cotorra-hablar’.

Através desses exemplos, podemos afirmar que as relações sistemáticas e não sistemáticas servem como mecanismos cognitivos e linguísticos para explicar situações concretas do mundo extralinguístico, funcionando como verdadeiros signos universais. Assim, o léxico mental se manifesta nessa relação que envolve o homem, a linguagem e o mundo.

Para finalizar esta seção, as relações sistemáticas que têm expressão linguística são aquelas que determinam os vínculos ontológico-semânticos na expressão léxica mediante isonímia (parte comum). Em espanhol, é possível observar em seu acervo lexical vários vínculos isonômicos entre verbos e nomes: a) ação e atividade: ‘leer-lector’, ‘escribir-escritor’, ‘conducir-conductor’; b) atividade-profissional da atividade: ‘diseñar-diseñador’, ‘cocinar-cocinero’; c) ação-resultado da ação: ‘construir-construcción’, ‘cortar-corte’; d) ação-instrumento: ‘peinar-peine’, ‘ascender-ascensor’; e) ação-processo ou resultado: ‘preguntar-pregunta’, ‘cerrar-cierre’; f) ação-lugar: ‘comer-comedor’, ‘asar-asadero’; g) objeto-atividade relacionada: ‘tapa-tapear’, ‘espiga-espigar’; h) lugar-ação: ‘tierra-aterrizar’, ‘campo-acampar’; i) instrumento-ação: ‘vara-varear’, ‘cuchillo-acuchillar’.

Além das relações entre verbos e nomes, há relações entre nomes e nomes, as quais se destacam: a) criação-criador: ‘pintor-pintura’, ‘escultor-escultura’; b) produto-fabricante: ‘cerveza-cerveceros’, ‘pan-panadero’; c) produto-vendedor: ‘verdura-verduleros’, ‘carne-carniceros’; d) objeto-profissional: ‘jardín-jardinero’; ‘joya-joyero’; e) tema-especialista: ‘lingüística-lingüista’, ‘historia-historiador’; f) propriedade-proprietário: ‘estancia-estanciero’, ‘navío-naviero’; g) instrumento-usuário: ‘pistola-

pistolero’, *‘violín-violinista*’; h) conteúdo-continente: *‘leche-lechera*’, *‘sal-salero*’; i) veículo-condutor: *‘bicicleta-ciclista*’, *‘camión-camionero*’.

5. A ESTRUTURA DO LÉXICO MENTAL E AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS

Considerando os estudos linguísticos de Luque Durán (2004), o conhecimento do léxico mantém uma relação direta com a memória semântica de longo prazo, cujas características estão relacionadas com a extensão da memória no cérebro e com a organização dos conhecimentos linguísticos e com sua recuperação a uma velocidade suficientemente razoável para assegurar interações comunicativas eficientes.

Para executar o funcionamento do léxico mental, realizam-se várias operações mentais, como as do tipo: *realia* se transformam em signos; significados se transformam em significantes; signos evocam outros signos, etc.

Desse modo, podemos classificar os signos linguísticos em: polissêmicos ou em homônimos, por causa da complexidade da natureza semântica das línguas naturais. E em alguns casos, a referência direta de um signo linguístico com algum objeto do mundo extralinguístico ocorre por intermédio das antigas indagações filosóficas. Sobre isso, Luque Durán (2004, p.243) declara:

La misma noción de polisemia es una noción parcialmente viciada, ya que parte de un presupuesto apriorístico de que cada signo ha de ser discreto y preciso; en última instancia, se trata de una aspiración filosófica según la cual cada cosa o realidad ha de tener su designación propia (‘un nombre para cada cosa y a cada cosa su nombre’)

Em contrapartida, tanto o receptor como o falante podem ter a decodificação das informações afetadas, por conta da polissemia e da sinonímia. Um receptor, em uma situação de interação comunicativa, deve escolher entre os diferentes significados de uma palavra (processo semasiológico). Da mesma forma ocorre com um falante ao emitir uma ideia ou referir-se a um *realia*, pois, ofertam-lhes diferentes palavras sinônimas (processo onomasiológico). No que se refere à polissemia, Luque Durán (2004) revela que o excesso de informações recuperadas pelos receptores pode gerar uma ambiguidade, apesar de haver uma maneira de desfazê-la através dos filtros contextuais.

Em razão dos processos semióticos, podemos definir a homonímia como produto da relação sógnico-semasiológico, ou seja, expressão por conteúdo, a qual não apresenta variação no significante (expressão), mas no significado (conteúdo). Em espanhol temos como exemplos de homonímia as seguintes palavras: *honda* (corda usada para prender uma coisa e suspê-la no ar) / *onda* (círculos concêntricos ou movimentos que se formam ao perturbar a superfície de um líquido); *baca* (local na parte superior do carro onde se colocam as bagagens) / *vaca* (fêmea do boi da espécie *Bos taurus*) entre outros.

Também a homonímia pode apresentar valor distinguível entre as palavras de maneira distribucional através do gênero gramatical, manifestando conteúdos distintos. Em espanhol, podemos citar como exemplos: *el cura* (sacerdote) - *la cura* (cura de uma doença), *el doblez* (parte que se dobra ou prega uma coisa) - *la doblez* (astúcia ou malícia na maneira de obrar), *el frente* (zona de contato de duas massas de ar de distinta temperatura) - *la frente* (sembrante, cara), *el parte* (escrito ordinariamente breve) - *la parte* (porção indeterminada de um todo), *el pendiente* (argola com adorno colante ou sem ele) - *la pendiente* (declive de um terreno).

Dentro do processo sógnico-semasiológico, a polissemia na concepção de Durán (2004) é uma relação semântica que mais se relaciona com o princípio de economia linguística, visto que a expansão semântica abrange as palavras em diversos contextos. Conforme o autor (2004, p.247), “La raíz de la polissemia en los signos se halla ya potencialmente en la variancia referencial”.

Em espanhol, podemos citar como exemplo de economia linguística na polissemia o seguinte caso: a palavra ‘*ojo*’, além de representar o órgão da percepção visual de todos os seres animados, ela pode manifestar outras acepções em ‘*ojo de agua*’ (manancial), ‘*ojo de la aguja*’ (orifício da agulha para que entre o fio), ‘*ojo del puente*’ (espaço entre dois estribos ou pilares de uma ponte), ‘*ojo clínico*’ (facilidade para captar uma circunstância ou prevê-la) e muitos outros.

Para Luque Durán (2004), a polissemia se classifica em dois tipos: léxica ou sintática. A polissemia sintática compreende todas as construções que podem ser interpretadas de várias maneiras, como é o caso de ‘*La matanza de los leones*’, referindo-se a ‘*Los leones hicieron una matanza*’ ou a ‘*Alguien mató muchos leones*’, provocando ambiguidade.

No que concerne ao processo sógnico-onomasiológico, a sinonímia se trata da relação de palavras que apresentam o mesmo significado. As relações sinonímicas reais,

segundo Luque Durán (2004), são praticamente impossíveis, porque as palavras possuem diferenças de registro, como é o caso de *‘mujer-hembra’* em *‘Juana es una mujer muy interesante’* e em *‘Carlos ha comprado un mamón hembra’*. Observamos que na primeira oração *‘mujer y hembra’* são sinônimas, porque obedecem aos princípios de significação lógica, enquanto que na segunda oração resulta impossível o uso de *‘mujer’* aplicado a *‘mamón’*.

Sobre o uso de palavras sinônimas em um mesmo contexto, Luque Durán (2004) afirma que se trata de uma relação entre palavras de significados semelhantes empregadas no mesmo contexto, a qual se estabelece de maneira gradual, cujos falantes desse idioma sabem o momento adequado de quais palavras podem intercambiar em contextos comunicativos. Por exemplo, os falantes de espanhol sabem muito bem que os verbos *‘tomar’* e *‘coger’* são utilizados com a finalidade de utilizar-se dos meios de transporte na Argentina e na Espanha, respectivamente, como em *‘María toma el taxi a las seis y media de la mañana’* e em *‘María coge el taxi a las seis y media de la mañana’*, portanto, são intercambiáveis nesse contexto. No entanto, seria inadequado o uso do verbo *‘asir’* para servir-se dos meios de transporte, em virtude de que este se refere a agarrar algo com a mão.

Considerando as relações taxonômicas entre os signos, a hiponímia é considerada de acordo com Luque Durán (2004) como um dos tipos das relações semânticas mais relevantes para esclarecer conceitos como distinção, profundidade taxonômica e taxonomias populares.

Nesse sentido, compreendemos por profundidade taxonômica como a organização de elementos léxicos mediante dos processos mentais de superordenação e coordenação mediante dos hiperônimos. Por exemplo, o hiperônimo *calzados* abrange os seguintes elementos léxicos como *botas*, *zapatos*, *sandalias* e *zapatillas*. Nem sempre é possível tal organização de elementos por meio de seu hiperônimo, como é o caso de *mariscos*. Luque Durán (2004) adverte que o termo *‘mariscos’* pode ser considerado um pseudo-hiperônimo, porque podemos inserir dentro dessa categoria palavras como *cangrejos*, *percebes*, *lenguado*, etc, entretanto, os animais marinhos como *mejillones*, *almejas*, *chirlas* e ostras não poderiam estar dentro dessa categoria, porque não seriam aceitos como mariscos.

No âmbito das relações ontológicas estruturais dos signos, a meronímia é uma das relações semânticas mais relevantes na estrutura do léxico mental. Essa relação

semântica se organiza a partir do binômio parte-todo. Trata-se de um processo complexo, porque um merônimo pode estar subordinado a vários holônimos.

Desse modo, citamos como exemplo de meronímia o processo complexo as partes do corpo humano, como é o caso de ‘dedo’, que é parte de uma ‘mão’ que por sua vez é parte de um ‘braço’ que é parte do ‘tronco’ que é parte do ‘corpo’.

Winston, Chaffin & Hermann (apud Luque Durán, 2004) organizaram uma lista dos principais tipos de relações meronímica, como componente – objeto integral (*reloj – engranaje*), membro – coleção (*avión – flota*), porção – massa (*loncha – jamón*), característica – atividade (*prestar – banco*), lugar – área (*Andalucía – España*) e fase – processo (*adolescencia – crecimiento*).

6. MÉTODOS DE ATIVAÇÃO DO LÉXICO MENTAL COMO ESTRATÉGIA DE RETENÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO VOCABULÁRIO

Depois de abordar as estruturas e a organização do léxico mental, vamos abordar os métodos de ativação que funcionam como estratégias cognitivas para retenção e consolidação do vocabulário, tais como: a teoria da comparação dos rasgos, os modelos reticulares, o modelo de logogen de Morton, o modelo autônomo de Forster, o modelo modular de Fronkim e o modelo das redes semânticas.

De acordo com Smith et al (apud Vivas, 2010), **a teoria da comparação de rasgos** se baseia nos supostos fundamentais para a análise semântica das palavras, buscando a representação e a atribuição de seus significados. Essa teoria tornou-se relevante no processo de categorização das palavras, porque considera que a palavra possui um conjunto de rasgos e de especificidades, o que constituem conceitos relevantes e determinantes para a inclusão de uma palavra em uma categoria.

Desse modo, o conceito de mamífero inclui uma série de propriedades que o define, tais como: seres animados, possuir glândulas mamárias, crias e quatro membros, assim como viver no ambiente terrestre. Observa-se através desse exemplo que se um ser animado não possui uma dessas propriedades, não será possível incluí-lo na categoria dos mamíferos.

Quillian (1968) definiu os **modelos reticulares** como uma rede semântica, constituída de vários nodos ou vértices, os quais representam os conceitos que se encontram emaranhados ou interconectados através dos arcos das relações entre os

nodos. Assim, os conceitos somente adquirem significado quando mantêm vínculos com outros conceitos que compartilhem as mesmas propriedades, aumentando o número de relações entre os nodos. Neste caso, apresentamos como exemplo as palavras em espanhol *tren* e *subte* que possuem propriedades comuns como: meio de transporte, trilhos de ferro e vagão, enquanto que *tren* e *naranja* teriam poucos vínculos ou nenhum entre eles.

Esse modelo proposto por Quillian demonstra como o léxico mental se encontra organizado de modo reticular por meio dos conceitos e das relações entre esses conceitos de forma hierárquica. Dessa maneira, o modelo adota dois parâmetros de vínculos entre duas classes: os vínculos isa (relações categoriais entre conceitos) e os vínculos propriedades (relações das associações das características específicas com os conceitos particulares).

O **modelo de logogen** de Morton (1969) é um modelo de acesso direto ao léxico destacando os contextos extraléxicos (sintático e semântico) no processo de reconhecimento das palavras. Nesse modelo, o reconhecimento das palavras se efetua através de operadores denominados *logogenes*, que atuam paralelamente aos estímulos e ao léxico mental interno.

Conforme Guzmán Rosquete (1997), os *logogenes* se associam a cada elemento léxico e permanecem ativos durante todo o processo de recuperação de informações de uma determinada unidade léxica, tendo como característica um nível que especifica a quantidade de informação necessária para que essa unidade apresente uma resposta determinada. Dessa forma, o *logogen* se ativa e provoca uma resposta do sistema, assim que reúne dados suficientes para sobrepassar o nível de percepção.

O **modelo autônomo** proposto por Forster (1976,1990) é o que melhor representa a autonomia do léxico no processo de reconhecimento e frequência de uso das palavras pelos falantes. Nesse modelo, os mecanismos de identificação dos vocábulos se efetuam da seguinte maneira: primeiramente se busca a recuperação da forma e posteriormente a recuperação do significado.

Para Guzmán Rosquete (1997), no modelo autônomo de Forster, há dois componentes essenciais no processo de acesso léxico: o arquivo principal (o léxico propriamente dito) e três arquivos periféricos como: o ortográfico para os estímulos visuais, o auditivo para as entradas auditivas e o sintático-semântico para a produção da linguagem.

O **modelo modular** de Fromkin explica que as informações de um léxico se encontram armazenadas em módulos. Cada módulo traz uma informação fonológica, ortográfica, sintática e semântica das palavras. Para chegar à modularidade do conhecimento léxico, Fromkin (1987) baseou-se em estudos realizados com pacientes afásicos ou com disfunções de fala, onde comprovou que os danos cerebrais sofridos por cada paciente afetaram somente um módulo independente, por essa razão, o conhecimento léxico sobre uma palavra estaria armazenado em vários sub-léxicos.

O **modelo das redes semânticas** surgiu nos anos 70 e foi considerado como uma variante do modelo modular de Fromkin. Segundo os psicolinguistas Aitchison (1987) e Miller (1991), esse modelo é o que melhor explica como as informações linguísticas estão armazenadas no cérebro. Nesse modelo, o armazenamento dos conhecimentos linguísticos ocorre em forma de redes, onde estão ligadas por meio das relações semânticas existentes entre os nodos, como as relações de hiperonímia (como é o caso de eletrodomésticos, que inclui *licuadora*, *televisión*, *aire acondicionado* etc), relações de meronímia (de parte-todo, como em *tejado* – *casa*). Além disso, as relações de sinonímia e antonímia também são consideradas essenciais para a descrição do léxico mental.

O modelo das redes semânticas é, portanto, uma estratégia cognitiva muito relevante para descrever o percurso dos conceitos e da formação das redes. Isso explica a estrutura do léxico mental (fonológico, sintático e semântico), o qual os falantes recorrem para a seleção léxica das relações semânticas.

CONCLUSÕES

Observou-se nessa pesquisa bibliográfica que o vocabulário é um componente linguístico que mais afeta a produção linguística dos estudantes de língua estrangeira, porque sem o domínio do léxico, os aprendizes não conseguem participar dos processos de codificação e decodificação das informações linguísticas em uma situação comunicativa.

Dessa forma, com o léxico mental ativado, os estudantes não apresentam dificuldades no reconhecimento do significado das palavras nos textos (competência leitora), elaboram discursos coerentes (competência discursiva), falam sobre qualquer tema sem dificuldades com o vocabulário específico (competência léxica) e reconhecem

a mudança de significados de vocabulário de acordo com o país e as manifestações artísticas e culturais que são peculiares no mundo hispânico (competência sociolinguística).

Além disso, os estudantes são estimulados através dos métodos de ativação do léxico mental a desenvolver estratégias de retenção e consolidação de vocabulário (competência estratégica). Desse modo, os aprendizes de língua estrangeira podem revisar os temas das aulas através de esquemas, anotações, mapas mentais, bolsa lexical, jogos, bingos, etc, pois, o que importa é a aprendizagem significativa e autônoma do idioma.

Como forma de promover o desenvolvimento da competência léxica dos alunos de língua espanhola, consideramos o léxico mental um componente linguístico de grande relevância para o campo da didática das línguas e deveria fazer parte do currículo dos cursos de idiomas, mas também das escolas de Educação Básica, porque se trata de um elemento que explora as capacidades cognitivas dos estudantes para realizar a produção linguística, além de promover a formação social e cultural.

Dessa forma, ativar o léxico mental na sala de aula, portanto, é fazer com que os estudantes sejam capazes de reconhecer e de compreender os objetos existentes ao seu redor e saibam organizá-los em categorias de acordo com suas funções semânticas. Também, podemos dizer que os aprendizes reconhecem que o mundo se organiza através de conceitos, e dentro da sociedade, as pessoas se comunicam através das palavras que são puramente conceitos formados da interação do homem com o meio social e o cultural.

Referências bibliográficas

- AITCHISON, Jean. *Words in the mind: an introduction to Mental Lexicon*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- BARALO, Marta. El lexicón no nativo y las reglas de la gramática. *Estudios de Lingüística: Universidad de Alicante*. Anexo I, pp. 5-40, 2001.
- BERNARDO, Ana Maria. O léxico mental no ensino e aprendizagem de vocabulário na L2 (alemão). *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. v. 5, pp. 27-40, 2010.

- CHOMSKY, Noam. *El programa minimalista*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- FAJARDO URIBE, Luz Amparo. Aproximación a la relación entre cerebro y lenguaje. *Cuadernos de Lingüística Hispánica*. v. 11, fasc. 1, pp. 93-104, 2008.
- FORSTER, K. L. Accessing the Mental Lexicon. En R. Wales & D. Walker (eds.) *New Approaches to Language Mechanisms*. Amsterdam: North Holland, 257-287, 1976.
- HATCH, Evelyn e BROWN, Cheryl. *Vocabulary, Semantics and Language Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- LUQUE DURÁN, Juan de Dios. *Aspectos universales y particulares del léxico de las lenguas del mundo*. Granada: Editorial Impredisur, 2004.
- MORTON, John. A functional model for memory. En D.A. Norman (ed.). *Models for Human Memory*. New York: Academic Press, pp. 203-254, 1970.
- NIETO, Luis González. *Teoría lingüística y enseñanza de lengua (lingüística para profesores)*. Madrid: Cátedra, 2001.
- OSTER, Ulrike. *La adquisición de vocabulario en una lengua extranjera: de la teoría a la aplicación didáctica*. *Porta Linguarum*. n.11, pp. 33-50, 2009.
- QUILLIAN, M. Semantic memory. En M. Minsky (Ed.). *Semantic information processing*. Cambridge, MA: MIT Press, 1968.
- RADFORD, Andrew; ATKINSON, Martin et al. *Introducción a la lingüística*. Madrid: Ediciones Akal, 2000.
- SÁNCHEZ, Aquilino. *La enseñanza de idioma en los últimos cien años: métodos y enfoques*. Madrid: SGEL, 2009.
- VIVAS, Jorge R. *Evaluación de Redes Semánticas: instrumentos y aplicaciones*. Mar del Plata: EUDEM, 2010.

Recebido em: 27.03.2014

Aceito para publicação em: 30.05.2014